

Sumário

Apresentação	9
1. Conversas sobre o Ofício de Mestre	17
2. Um Modo de Ser	27
3. Um dever-ser?	37
4. A humana docência	50
5. Conteúdos da humana docência	68
6. Intranqüilidades nos quintais do conhecimento	84
7. Parâmetros e ausências	94
8. O subsolo comum de nossa docência	110
9. O aprendizado do ofício	124
10. Aprendendo nas transgressões	135
11. Uma trama de práticas	150
12. Comunidade de aprendizes mútuos	161
13. Certezas nem tão certas	171
14. A caixa de ferramentas	181
15. Cultura profissional do magistério	189
16. Consciência política e profissional	203
17. Tensões atrás das grades	210
18. Uma categoria fragmentada	217
19. Trocas de aprendizados do ofício	227
20. Recuperar a humanidade roubada	238

Apresentação

*“... pois não é de todo infeliz aquele que pode contar a si mesmo a sua história”.**

Maria Zambrano

Confesso que não escrevi sobre a Escola Plural e sobre outras propostas por ter medo. A educação escolar é um campo propício a modas. Pediram-me várias vezes textos sobre ciclos, sobre elaboração e implantação das propostas político-pedagógicas que acompanho. Resisti a escrever por ter medo de que vire mais um modelo que hoje pode estar na moda e amanhã passará de moda.

Aprendi que trabalhar com a educação é tratar de um dos ofícios mais perenes da formação da espécie humana. Nossas práticas se orientam por saberes e artes aprendidas desde o berço da história cultural e social. Ingenuidade minha se acreditasse e fizesse acreditar que a Escola Plural e outras propostas estão inventando modas. Prefiro pensar que estão apenas, e é muito, tirando do baú dos esquecidos da história do magistério artes que não deveriam ter sido esquecidas. Artes de ofício. Saberes e sensibilidades aprendidas e cultivadas. Guardadas no cotidiano, nas gavetas das salas de aula de tantos mestres de agora e de outrora.

Quando fui percebendo que a Escola Plural e tantas inovações que acontecem nas escolas e nas redes de educação recuperavam artes, saberes e fazeres mais perenes do ofício do magistério senti vontade de escrever. Não para sugerir modelos, mas para socializar significados que percebo no movimento de renovação pedagógica de que estas propostas fazem parte.

Poderia falar deste movimento a partir de vários ângulos: da renovação teórica, curricular e didática, dos projetos pedagógicos das escolas ou das redes. Optei por falar deste movimento e das propostas educativas do ângulo dos professores e das professoras da Escola Básica. Alguém perguntará e por que falar com os mestres e não falar diretamente sobre a Escola Plural, Candanga, Sem fronteiras, Cidadã, Cabana... e tantas outras que despertam a curiosidade dos professores? A melhor maneira de falar das inovações é dialogar com seus sujeitos, os mestres das escolas.

Falemos entre nós e troquemos tantas histórias que temos para trocar. É com professores e com professoras que venho dialogando e sinto necessidade de continuar esses diálogos.

Além do mais, precisamos repor os mestres no lugar de destaque que lhes cabe. Fui percebendo que eles são mantidos em segundo plano. As escolas são mais destacadas nas políticas, na teoria e até nos cursos de formação do que os seus profissionais. Estes aparecem como um apêndice, um recurso preparado ou despreparado,

valorizado ou desvalorizado. Depois que se decide a construção da escola, os currículos e seus parâmetros, as políticas de qualidade ou de democratização da educação... pensam nos recursos humanos que darão conta da tarefa. Recursos é pouco.

Até no imaginário social e das famílias, quando se pensa na educação da infância ou dos filhos se pensa na escola. “*Toda criança na escola*”. “*A escola de meus filhos*”. “*Em que escola estuda seu filho?*” Quando pensamos na saúde de nossos filhos ou da infância, não pensamos no hospital, mas no médico. Saúde nos lembra os médicos. Educação nos lembra a escola, não seus profissionais, os educadores. Estes não conseguem ser a referência, mas a instituição escola. Até a história da educação estudada pelos professores(as) é a história da escola, dos sistemas de ensino não sua história profissional, dos seus saberes de ofício. Entretanto, os pedagogos foram antes do que a pedagogia e do que as escolas. O magistério é anterior às instituições de ensino.

Houve no imaginário sobre a educação uma despersonalização que não acontece em outros campos sociais. O imaginário sobre o magistério tem muito a ver com a despersonalização da educação. A professora e o professor vistos apenas como apêndices.

Em uma visão mais humanista e personalizada, toda relação educativa é uma relação de pessoas, de gerações. A pedagogia tem no seu cerne a figura e o papel do pedagogo, de alguém que aprendeu o viver humano, seus saberes e valores, os significados da cultura, a falar, a dominar a fala, a razão, o juízo. Conseqüentemente, está capacitado a formar a infância, os “*in-fans*” não falantes, os aprendizes de humanos. Toda relação educativa será o encontro dos mestres do viver e do ser, com os iniciantes nas artes de viver e de ser gente. Os mestres no centro da pedagogia, não apêndices.

As instituições, os métodos e os conteúdos, os rituais e as normas que são mediadores deste diálogo, convívio e encontro de gerações, roubaram a centralidade dos sujeitos e passaram a ser o centro do imaginário social sobre a educação. É necessário recuperar os sujeitos tão centrais nas matrizes mais perenes da teoria pedagógica.

Este é o foco das propostas pedagógicas que acompanho, recuperar matrizes perdidas, a educação como encontro de gerações, dos pedagogos e da infância. Recuperar os sujeitos da ação educativa. Ninguém mais autorizado para nos acompanhar na história destas propostas pedagógicas do que os pedagogos-docentes, seus agentes.

Recuperaremos o direito à Educação Básica universal para além de “*toda criança na escola*”, se recuperarmos a centralidade das relações entre educadores e educandos, entre infância e pedagogos. Colocando seu ofício de mestre no centro da reflexão teórica e das políticas educativas. Colocando os conteúdos e os métodos, a gestão e a escola como mediadores desta relação pessoal e social. Como meios. Deixando de ver os professores(as) como recursos e recuperando sua condição de sujeitos da ação educativa junto com os educandos.

Por tudo isto optei por falar de nosso ofício, de nós mesmos. Há uma intencionalidade política e pedagógica na escolha dos mestres. Trazê-los ao centro do movimento de renovação educativa e contribuir para a desconstrução de um imaginário social que

os secundariza. Imaginário que impregna as políticas de educação de currículos e até de formação e “valorização” do magistério. Imagens e auto-imagens confusas de mestres, sempre em segundo plano, no distanciamento. Fora de foco.

Dialogo sobre estas inquietações que há tanto nos perseguem. Inquietações que são decisivas na vontade de construir outras auto-imagens e imagens sociais do magistério e da Educação Básica. Há dias em que estas imagens afloram com todo seu peso, por exemplo, o dia do professor. Ultimamente, os professores são notícias não apenas no seu dia. Quase todo dia é dia de professor na mídia, nas paralisações e nos confrontos até de rua. Faz tempo que os mestres saíram da toca de sua sala de aula e estão aí incomodando e mostrando quem são: professores, educadores, ou baderneiros? Que imagens eles mostram e que imagens a sociedade vê?

Nos confrontos recentes entre os professores, governantes e tropas de choque, nas avenidas e praças paulistanas uma das primeiras damas comentou: “*em realidade lá não tinha professores, se fossem educadores não teriam este comportamento*”.

Quando li a notícia e o comentário acabava de ler Adélia Prado. Pensei que muitos professores devem ter sentido o que ela, com tanta sensibilidade poética, expressou:

*“quero ficar surda para suportar
os que me querem humana,
e por esta razão me chamam desumana,
granito cheio de musgo”...*

E as professoras, tantas que lá estavam carregando bandeiras e faixas e apanhando, não sendo reconhecidas como educadoras podem ter tido os mesmos sentimentos que Adélia Prado expressa sobre a condição de mulher:

*“quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher
esta espécie ainda envergonhada”.*

Tenho insistido que o mérito da Escola Plural tem sido sintonizar-se com o movimento de renovação pedagógica e com o movimento social e cultural. Nessas fronteiras está a categoria do magistério desde o final dos anos 70. Não foram as propostas inovadoras que trouxeram os mestres ao centro da arena político-pedagógica. Eles já estavam lá. Nas greves de 79 ocuparam as ruas, as praças e escadarias dos palácios dos governos mostrando seu rosto, sua identidade. Ao longo destas duas décadas, docentes de Escola Básica ocuparam a mídia, incomodaram os gestores e os governantes, e revelaram a falta de ética na condução do público, incomodaram e se afirmaram como sujeitos políticos e também pedagógicos. Superaram imagens confusas e afirmaram auto-imagens mais nítidas.

Em um congresso nacional de que participei em 1980, refleti sobre a presença da categoria na cena política manifestada nas greves de 1979 e me perguntei pelas suas conseqüências para os rumos da educação. “*Trabalhadores e educadores se identi-*

cam, que rumos tomará a educação brasileira?” Este foi o título da minha fala. Uma questão que tem me perseguido ao longo desses anos: que imagens e auto-imagens de mestre e de seu ofício estão em construção nas últimas décadas?

Olhar os mestres é o melhor caminho para entender a escola e o movimento de renovação pedagógica. Para entender, também, o sentido de propostas como a Escola Plural, Escola Cidadã, Escola Democrática, Escola Sem Fronteiras... Todas têm tudo a ver com os rumos que tomam a educação brasileira.

Em 1986 dedicava o livro *Da escola carente à escola possível*¹ “*aos profissionais do ensino que, com suas lutas e sua organização, vão conquistando condições de trabalho para que a construção da escola popular se torne possível neste país*”.

Nessas fronteiras e sonhos convivo com milhares de professores da Escola Básica. Fronteiras de inovação educativa, de reivindicações de direitos. Naquela época destacava como aí, nesses confrontos, os docentes vão construindo a escola possível, nem sempre a escola sonhada. Nestas reflexões aqui reunidas destaco como muitos caem, abandonam o magistério, mas milhares se descobrem mestres do ofício perene de educar.

Constroem o mestre e o ofício possível e impossível. Uma história tensa do magistério.

No dia do professor de 1995 reunimo-nos, em um teatro em Belo Horizonte, para dialogar sobre nosso dia, melhor, sobre o ofício nosso de cada dia. Durante mais de um ano vínhamos pensando na pluralidade de práticas significativas, inovadoras, silenciosas e transgressoras que as professoras e os professores inventam no seu cotidiano. Buscamos os significados destas práticas, os eixos mais expressivos e fomos amarrando a Proposta político-pedagógica Escola Plural (o nome inicialmente fazia referência à pluralidade de práticas existentes na rede municipal que mostravam a emergência de uma escola mais plural).

Seguindo esse trajeto das práticas, nos encontramos com os profissionais destas práticas. Não fomos atrás de diagnósticos sobre grades, currículos, cargas horárias, repetência e reprovação, problemas crônicos da escola. Nosso foco não era a instituição escola e seus clássicos componentes e problemas. Seguindo as trilhas das práticas nos encontramos como sujeitos dessas práticas.

A Proposta Escola Plural inicia com um subtítulo: “*Assumindo a Escola Emergente*”. Hoje reconheço que deveria ter sido: “*Reencontrando e assumindo nosso Ofício de Mestre*”. Em outubro de 1995 já era perceptível o foco verdadeiro da Proposta e no dia do professor ficou mais claro: a Escola Plural mexia com tempos e espaços, estruturas, séries e rituais, mas, sobretudo, mexia conosco.

Lembro-me de um depoimento de um professor: “*não tenho clareza para onde a Proposta nos levará, somente sei de uma coisa: não dará mais para voltar a ser o que*

1. Miguel Arroyo (org.). *Da escola carente à escola possível*. Edições Loyola. São Paulo, 1986.

éramos". Nossa identidade e nossa auto-imagem estavam em jogo. Sempre que mexemos com currículos, métodos, regimentos, até com a parte física da escola, mexemos com os educadores e as educadoras. Mexemos com suas práticas e com sua auto-imagem, com suas possibilidades de ser. Recuperamos dimensões perdidas, ou guardadas no baú dos esquecidos.

Às vezes, diante da figura do professor(a) sinto-me como se estivesse diante de um velho e apagado retrato de família. Com o tempo perderam-se cores e apagaram-se detalhes e traços. A imagem ficou desfigurada, perdeu a viveza, o interesse. Mais um retrato a guardar na gaveta de nossos sonhos perdidos, para revê-lo em tempos de saudade.

Um retrato na gaveta ou na parede como dói! (lembrando Drummond). Dói a imagem de professor que carregamos, a imagem de professor que a mídia e os governantes projetam sobre os mestres da Escola Básica. E nossa auto-imagem é menos doída? Sabemos bastante o que pensam sobre os professores(as) seus governantes, as políticas de renovação curricular e as propostas dos centros de formação e requalificação. São as imagens dos outros, projetadas sobre o magistério. E nossa auto-imagem e autoprojeção? Como a categoria pensa em si mesma? No espelho dos outros ou no próprio espelho?

Nas suas lutas e práticas inovadoras, a categoria do magistério básico vem construindo outras imagens nítidas, destacadas. Com traços incômodos que não coincidem com as velhas imagens sobre ela projetadas ao longo dos anos. As propostas pedagógicas como a Escola Plural trazem de volta, sem saudosismo, esse retrato vivo de cada mestre e da categoria para recuperá-lo na memória e nas práticas. Para recuperar traços perdidos e revivê-los nas luminosidades do presente. Estes textos falam dessas imagens e auto-imagens.

Naquele dia do professor, dialogamos sobre essas imagens que doem quando compartilhadas. Fomos descobrindo que é difícil identificar nosso ofício de mestres com uma imagem única, que somos múltiplos, plurais. Que o que sabemos fazer e temos de fazer no cotidiano convívio com a infância, adolescência e juventude não cabe em imagens simplificadas, nem em um único conceito, professor, docente, mestre, alfabetizador, supervisor, orientador. Carregamos todos uma história feita de traços comuns ao mesmo ofício.

O diálogo daquele dia sobre nosso ofício de mestre deu origem a outros diálogos, outros pensamentos compartilhados que fazem parte deste livro, intitulado *Ofício de mestre*. A fala daquele dia do professor inspirou o título destes textos.

Eles refletem o momento tenso que estamos vivenciando de dúvidas mais do que certezas. Não pretendem acabar com as dúvidas nem trazer certezas. O momento é peculiarmente rico para discutir e para livrar-nos de imagens pesadas do magistério porque há muitas dúvidas sobre elas. Ir atrás de certezas mataria a riqueza pedagógica do momento. Não tive como horizonte dar uma de mestre que tira as respostas verdadeiras do baú de sua sabedoria. Tenho mais dúvidas do que certezas, me deixo contaminar pelo momento que vivo. Estou mais preocupado em entender o percurso

coletivo. Outras formas de pensar nosso ofício, de encontrar seu sentido e de inventar práticas, saberes e valores.

Procuo não tratar as incertezas que observo como perguntas a responder. Não existem respostas a dar, porque em realidade não são perguntas, mas o que está em jogo são sentimentos e vivências existenciais, sentidos. Não falo em problemas da escola nem dos seus mestres, porque significaria despertar a espera de soluções. Tratar em qualquer lógica fechada o momento vivido pela categoria será matar suas virtualidades pedagógicas. Como explorá-las? Reconhecendo a seriedade das inquietações e incertezas e o que elas revelam de libertação de imagens de magistério coisificadas, impostas. Desconstruí-las será um alívio penoso, mas alívio. Já é muito nos sentir um pouco aliviados.

Em realidade, estes textos têm uma certa autonomia, foram escritos nas idas e voltas de tantas viagens de encontros com professores sobretudo da escola pública. Viagens ao magistério.

Revisitar o magistério é como revisitar nosso sítio, nosso lugar ou nossa cidade. É reviver lembranças, reencontros com nosso percurso profissional e humano. Reencontrar-nos sobretudo com tantos outros e outras que fizeram e fazem percursos tão idênticos. O magistério é uma referência onde se cruzam muitas histórias de vidas tão diversas e tão próximas. Um espaço de múltiplas expressões. Usamos entre nós o termo categoria, magistério, a categoria do magistério, a categoria em greve, a categoria injustiçada. Somos um coletivo. Há uma imagem de coletivo na representação social e na nossa representação.

Quando revisitamos nosso lugar, nossa cidade, matamos saudades e encontramos surpresas. Cada vizinho nos conta uma história do lugar. Não podemos acreditar em tudo, mas nos faz bem ouvi-las. Reacendem nossa memória e nossa identidade. Somos o lugar onde nos fizemos, as pessoas com quem convivemos. Somos a história de que participamos. A memória coletiva que carregamos.

Voltar ao magistério é voltar a um dos lugares que mais mexem conosco porque somos professores, por tantos anos e tantas horas diárias. *"Resolvi ser professora com 15 anos. Nova demais. Brigas e namoros com o magistério. E aí estou até hoje..."* Voltar ao magistério é lembrar nossa própria história. Encontrar companheiros(as) de tantas greves e mobilizações e de tantos congressos, seminários e conferências e lembrar as marcas que nos deixaram e o profissional que nos fizemos. Reencontrar colegas de escola, de área, de rede, é lembrar projetos, inovações e transgressões pedagógicas onde reinventamos o sentido para o cotidiano de nosso ofício tão sem sentido.

Cada um destes textos foi uma visita ao magistério como nosso lugar, nas praças, ruas ou becos onde o vivemos, onde temos histórias a contar e marcas de nossa identidade a descobrir. Que categoria profissional nós construímos nesses trajetos tão recentes de nossa trajetória?

Mais do que respostas a esta pergunta, que é de cada um de nós e da categoria, trouxe as minhas impressões ou os meus sonhos e desejos. Trouxe traços de um magistério real, sem nome, em construção, possível...

O que mais me interroga são as imagens de mestre, docente, educador, professor ou professora que estamos desconstruindo e construindo. Quais são os traços perenes e novos desse ofício e dessa arte de tão longa história?

Manifestei o tempo todo minha curiosidade pela história em que estamos envolvidos, pelos convívios sociais e culturais, pelos embates e lutas que nos marcam, que nos oferecem os materiais, as cores com que vamos reinventando nosso ofício de mestre. As transgressões políticas. Como esquecer tantas paralisações? E as inovações pedagógicas, as reformas curriculares, as políticas oficiais, a produção teórica, as propostas político-pedagógicas, a organização da escola em ciclos de formação... Explorei um pouco essas frentes onde nos fazemos.

Apontei de maneira dispersa, mas enfática, que o mestre que somos, o pedagogo-educador que aflora em nós, reflete o rosto, o percurso ou sem-percurso da infância que acompanhamos. Não esqueci que a infância tem sido nossa cúmplice ao longo da história da pedagogia e de nossa condição de pedagogos. Uma frase apenas de efeito?

Escrevo esta apresentação no dia 13 de junho. O jornal do dia destaca: "*Criança e adolescente: dez anos de estatuto*". No rádio e na TV, comentários de juristas, de assistentes sociais, de psicólogos e políticos sobre o "*Estatuto da Criança e do Adolescente*". E nós, educadores pedagogos, o que temos a dizer? Ninguém nos pede opinião? Qual a nossa opinião se com eles convivemos todo dia, se somos seus pedagogos? Um jornal me chamou hoje para completar uma matéria. Fiquei aliviado e pensei: será sobre o Estatuto? Sobre seus dez anos? Nada. Era sobre a reação do magistério paulista à progressão continuada e a não-reprovação dentro dos ciclos, ou amontoados de séries da SEES-SP.

Sinceramente, me senti frustrado, não temos nada a ver, nem a dizer sobre a trajetória dos direitos da infância e da adolescência? Nossa trajetória de pedagogos não é sua trajetória? Por que apenas nos vêem como docentes que ensinam, aprovam-reprovam e não sabem ensinar sem reprovar? Que imagens a sociedade tem de nós? De nosso ofício? Coincidem tão certinho com nossas auto-imagens ou estamos lutando por construir outras?

Chego a pensar que só reconstruiremos nossa imagem de pedagogos na medida em que nos reencontremos com a infância que nos dá sentido. Infância e adolescência que cada dia estão mais desafiadoras nas ruas e também nas escolas. Seu rosto desfigurado é tão parecido com o nosso rosto desfigurado. Dez anos de tentativas de reconstruí-lo, de pressões para afirmar-se sujeitos de direitos. Que trajetórias tão parecidas, infelizmente tão paralelas e ignoradas.

Não saberia dizer se o que escrevi são reflexões, imagens ou recordações do ofício de mestre. Ou apenas vontades, viagens, saudades e desejos... Mas quais são as viagens e imagens dignas de serem recordadas? Não estamos saturados de imagens de professor(a)? Não estamos com vontade de esquecer tantas imagens de mestre que nos perseguem? Se tivéssemos o poder de apagá-las estaríamos livres para reconstruirmos novas auto-imagens?

Fazer o percurso à procura do ofício de mestre, artífice, artista que há em nós. reaprender saberes e artes, recuperar a imagem bela que estamos construindo nas últimas décadas. É a vontade e o sentimento que inspiram estes textos. Contar para mim, e a nós mesmos nossa própria história.

Peguei emprestada a epígrafe de Jorge Larosa: *“pois não é de todo infeliz aquele que pode contar a si mesmo a sua história”*. Não seremos de todo infelizes, podemos contar a nós mesmos a nossa história de mestres.

Ainda pego emprestada outra epígrafe em que Jorge faz referência a um pensamento de Samuel Beckett: *“Sim, em minha vida... houve três coisas: a impossibilidade de falar, a impossibilidade de calar e a solidão.”*